

**CEDI**

## Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Liberal

Class.: 93

Data: 31 de julho de 1985

Pg.: \_\_\_\_\_

4468

Lúcio Flavio Pinto

### A maioria do Carajás (1)

A Província Mineral do Carajás completa hoje sua maioria: exatamente no dia 31 de julho de 1967, há 18 anos, um helicóptero da United States Steel pousou numa das clareiras naturais do conjunto de serras para reabastecer. O geólogo Breno Augusto dos Santos, que estava no aparelho, colheu amostras da rocha. Examinadas em laboratório, ela comprovariam um elevado teor de hematita. Depois, seria confirmada a existência da mais importante reserva de minério de ferro de alto teor do planeta.

A origem dessa história ainda vai provocar muita polêmica até ser aceita naturalmente. A US Steel, a maior de todas as empresas de aço, descobriu a jazida no primeiro mês de execução de um amplo programa de prospecção, que desencadeou na Amazônia com o objetivo de encontrar uma fonte alternativa de suprimento do minério. A mina cativa, no Gabão, já estava sujeita às oscilações políticas do continente africano, um risco inaceitável para quem, sendo a maior potência siderúrgica do mundo, não é, porém, auto-suficiente no insumo básico, o manganês.

Muita lenda ainda será contada sobre a façanha da Steel, que encontrou tão rapidamente um alvo de tanto valor. O que é certo é que as grandes corporações internacionais já não raciocinavam em relação à Amazônia aleatoriamente, como fizera Henry Ford quatro décadas antes com o seu empreendimento de borracha no Tapajós. Na segunda metade da década de sessenta, as multinacionais já haviam selecionado os grandes alvos.

Para avaliá-los, introduziram os métodos de vanguarda, evoluindo bastante em relação aos procedimentos rudimentares da geologia que o Brasil usava para enfrentar desafios como a Amazônia. O helicóptero dava acesso direto aos pontos remotos da terra firme, nos espinhaços de pré-cambriano que pouco tinham a ver com o ambiente planicário descrito nos manuais colegiais de geografia. Era mais caro, porém

sua eficiência não tinha comparação com as campanhas de coleta de material nos igarapés. As serras de hematita compacta que a Steel encontrou foram identificadas alguns anos antes como fantásticos depósitos de calcário.

“Tocadas” de algumas das tradicionais regiões abastecedoras de matéria-prima ou antecipando os problemas que enfrentariam nos continentes africano e asiático, várias dessas empresas globais começaram a deslocar-se para a Amazônia, que deixava de ser uma vaga referência a ser operacionalizada em futuro remoto. Os grandes alvos já começavam a aparecer nos levantamentos aerofotogramétricos. Depois (e ainda vivemos esta fase) seria o momento de detalhar os alvos menores, mais difíceis, mas não menos valiosos, como os minérios sulfetados.

Chegado à maioria dos 18 anos, Carajás, ainda é um fato recente demais para poder ser imobilizado em uma página da história que já viramos. Esta página, ao contrário, ainda está sendo escrita. Mas certamente de sua existência de quase duas décadas pode-se afirmar que representa um marco divisorio: introduziu a Amazônia em um cálculo econômico internacionalizado, mas não mais por devaneios telúricos ou ufanismo ingênuo. Carajás deve ser um ponto de referência no mapa que fixa a estratégia de todas as corporações e organizações governamentais que lidam com matérias-primas extraídas da natureza — e não apenas com as riquezas do subsolo.

Este é o grande desafio que se coloca hoje diante de todos os brasileiros: dispor do Carajás representa uma pesada responsabilidade. Nenhum povo, dispondo de tão generosa acumulação de bens naturais, pode dar-se ao luxo de utilizá-los impunemente. Ou transforma esses recursos em instrumento a serviço do progresso da Nação, ou, dilapidando-os, comprometerá bem mais do que um desenvolvimento localizado: comprometerá a própria solidez do projeto nacional mais

amplo, do projeto de uma civilização própria.

Os 120 mil quilômetros quadrados reconhecidos como a Província Mineral de Carajás, uma área que se estende entre os vales do Araguaia e do Xingu, representa apenas 10% do território paraense, dentro do qual se localiza integralmente o 1,5% do país. É espantoso que nesta pequena área haja na combinação tão incomum de riquezas naturais, como minérios (e alguns dos minérios básicos para a economia humana), terra fértil, floresta, cursos d'água, chuvas e nenhum fator geográfico impeditivo à vida do homem. O homem, no entanto, tem sido o elemento mais problemático nesse conjunto, cuja harmonia — comparada a cada um dos seus heterogêneos elementos componentes — surpreende o visitante mais avisado.

Tudo isto tem custado muito pouco nestas quase duas décadas de história geológica centrada em Carajás. O próprio descobridor de Carajás, Breno dos Santos, observou — em livro publicado há quatro anos — que o total dos investimentos feitos nos programas de exploração geológica (excetuado o petróleo) até então ainda não atingira 100 milhões de dólares, “o que significa uma média inferior a 10 milhões de dólares por cada grande jazida descoberta e avaliada, bastante abaixo da média mundial, da ordem de 15 a 20 milhões de dólares, e apesar de todas as dificuldades”. Acrescenta Bruno que a média anual dos investimentos, de US\$ 6 milhões, equivale — em termos mundiais — aos investimentos anuais de uma empresa de porte médio do setor mineral, o que ele considera muito pouco para “a última região da Terra ainda desconhecida, com potencialidade mineral comprovada e em situação geográfica que possibilita seu aproveitamento econômico”.